

V O E A I
B P L S F
C D

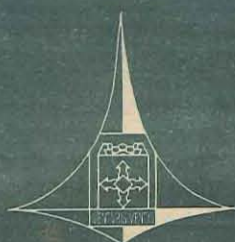
H

R

L . E . T . R . A . S

LETRAS

ANO 1 - Nº 1 Brasília, novembro de 1992



SUPLEMENTO CULTURAL DO
DIÁRIO DA CÂMARA LEGISLATIVA

Sua excelência o Capitão-General

Os governadores das Capitanias brasileiras eram, com raras exceções, portugueses natos, afeitos à vida na Corte. A vinda para os sertões acarretava-lhes distúrbios de adaptação que vão relatados neste artigo.

Paulo Bertran

Academia de Letras do Planalto
Câmara Legislativa do DF.

José de Almeida de Vasconcelos de Soveral de Carvalho da Maia Soares de Albergaria, Comendador de Santa Maria de Alcofra na ordem de Cristo, Senhor da Vila de Lapa, décimo terceiro donatário de Mossâmedes, nono donatário do Couto do Vieiro, do reguengo da Lagoa e de Albergaria de S. Pedro de Crê. Futuro Barão de Mossâmedes e Visconde de Lapa. Foi o penúltimo grand-seigneur a pisar o Brasil Central colonial. Tinha belas propriedades em Vizeu e no Algarve. E também um bolso pródigo.

Não dispensava elogios, de onde quer que viessem. Seu secretário e particular admirador foi o bom geômetra Tomas de Souza, a quem enjoa ler os inúmeros e repetidos rapapés a S. Exa, como no relato do dia em que o Governador recebeu em Vila Boa de Goiás uns índios acróas que queriam aldeiar-se:

"Sua Exa. se vestiu nesse dia de riquíssima farda e tinha sua Corte disposta na forma do que se pratica em dia de beija-mão. Pouco adiante do Docel que cobre o retrato do nosso fidelíssimo Monarca, estava S. Exa em pé e na mesma sala a Nobreza fazendo duas alas. Por entre elas entravam os índios, sendo o primeiro o cacique... o qual chegando a S. Exa ajoelhou e lhe beijou a mão"...

Era um cacique aculturado há mais de vinte anos, desde o tempo em que o Conde dos Arcos instalara a Aldeia do Duro dos índios Acroás, próximo a Natividade. E desde então os índios periodicamente se sublevavam para tentar obter benesses do Estado Colonial.

A forma com que José de Almeida fazia-se tratado, os muitos documentos em que declara seus títulos indica uma presunção de aristocracia recente, a conversão de um rico-homem, alto burguês fidalgo, em nobreza aos modos de meritocracia pombalina. A varonia de Mossâmedes não chegava ao século XIV, enquanto um Conde dos Arcos por exemplo, da

Casa dos Arcos de Valdevez podia remontar seu título de Brito aos albores do ano 1000 — e pouco enumerava títulos — era a nobreza de sangue do reino e não precisava demonstrar-se.

José de Almeida, os Cunha Menezes, os Albuquerque de Mato Grosso — a geração que Pombal recrutou entre ricos fidalgos — burgueses, precisava afirmar-se como aristocracia nova esclarecida pelo Colégio dos Nobres, pela Academia de Ciência, pela renovada Universidade de Coimbra, instituições que Pombal criara e entregara à orientação de intelectuais italianos, escolhidos talvez pela competência técnica e nem tanto pelos ardores ideológicos da Itália Vaticana.

Coronel de Cavalaria como sói a um fidalgo, anos depois do governo de Goiás, José de Almeida foi governar Angola de África. Revelou-se, como em Goiás, preocupado geógrafo.

E pespegou em Angra do Negro, litoral sul de Angola, por ele cientificamente estudada, o nome Mossâmedes a uma curriola de pescadores. Pegou. Hoje existem Mossâmedes na África, nossa Mossâmedes em Goiás e a original em Portugal, pasmas por se espelharem nas veleidades que lhes fizeram José de Almeida, espírito exitoso do século.

Como vivia um Governador desses?

Há uma curiosa planta de palácio no Arquivo Ultramarino de Lisboa que responde parcialmente à questão. Não é o atual palácio do Conde dos Arcos em Vila Boa, mas uma casa mais antiga, não longe dali, que serviu de residência ao Conde D'Alva já pelos idos de 1740.

Esse "palácio", do qual pouco subsiste e que só nos interessa por ter mencionadas as funções dos seus aposentos, tinha uma grande área de quintal servido por farta aguada, cercado por altos muros. Dentro a cavalaria, o quintal para criar animais de comer, um bananal e um jardim regado, para os passeios de entretenimento do governador. Uma quinta, uma chácara.



Pegado ao jardim ficavam as dependências privadas do potentado: a alcova de dormir, a sala de vestir, a sala de escrever, o gabinete de guardar os papéis de governo, o quarto da "guarda roupa interior do general", a sala de visitas particulares.

Não havia sala de jantar, mas sim uma "sala das copas", emendada à cozinha e à despensa de víveres e lenha, e à uma grande "varanda de recreação", que talvez se prestasse a banquetes. Os corpos da casa eram ligados por varandas, peças arquitetônicas que os portugueses aprenderam na conquista da Índia e que se adaptaram perfeitamente às outras latitudes.

De frente para a rua ficavam as dependências públicas do palácio: sala das audiências, dos oficiais, escritórios, sala de visitas, corpo da guarda, quarto de dormir para funcionários e empregados, gabinetes, secretaria, a casa do viador, quarto dos viajantes, quarto de hóspedes, tudo cercado de mais pátios e varandas. Viador seria o "mordomo" atual.

Ao todo dava umas 30 peças cobertas, fora as divisões dos

quintais.

Pela maior parte os forros da casa eram de "niage", aniagem, pintados de branco — tecidos hoje usados para enfardamento. Mas havia também forros de tabuado. E as portas e janelas eram pintadas a óleo de "berde e incarnado", cores de bandeira portuguesa!...

O mobiliário era constituído de "mesas cobertas de tapetes". Havia cortinas, vários bancos de encosto, (verdes!) dezesseis cadeiras e seis "monchos" cobertos de lã e seda, que supunho serem uma espécie de tamboretas mais sofisticadas.

Não esperemos porém grandezas arquitetônicas. O atual palácio de Vila Boa é apenas um casarão atarracado, destituído de veleidades estéticas, sem marcas de luxo. Isso não impedia um ou outro dia de maior brilho cortesão e o servir-se à mesa com baixela de prata.

O Breviário de Oeynhaus — Graevenbourg

O Governador que aí viesse aboletar-se era em princípio a excrescência metropolitana metido na grosseria inerme da vida sertaneja. Trazia algumas novas idéias e modas para sua governação, (inclusive os costumes e

tiques da corte), tentava aplicá-las durante seu quadriênio ou quinquênio, até contornar com a impassibilidade das novas colônias. Sobretudo na decadência das minas, que a crer-se nos cronistas de diversas épocas, cometeram o prodígio, para fins fiscais, de serem eternamente decadentes. A mentira oficial.

O curioso João Carlos Augusto D'Oeynhaus de Graevenbourg, (filho da ilustradíssima escritora Marquesa de Alorna com o militar mercenário alemão Graevenbourg, general a soldo do Exército português) capitão general de Mato Grosso em 1807, futuro Marquês de Aracati, com longa folha de serviços prestados também nos governos do Ceará, São Paulo, e de Moçambique, onde morreu em 1838, ilustrou à perfeição o desenrolar-se das disposições mentais de um governador colonial. À chegada, (dizia D'Oeynhaus), o novel governador vinha possuindo da "Febre com delírio" das grandes realizações. Assim, por exemplo, com José de Almeida ao viajar por quatro meses pela Capitania e a custear do seu bolso uma temerária expedição

que, do remoto Pontal, desceu o Tocantins para Belém, a qual contrariou ordens reais e lhe custou um carão do governador do Grão-Pará.

Depois, vinha a "Febre sem delírio", em que o ritmo das coisas conformava-se aos limites do sertão aplastrado pelas dificuldades. É quando, (lembra Bernardo Élis), um Luís da Cunha Menezes gasta seu tempo planejando uma utópica reforma urbana para Vila Boa de Goiás. Ou quando um João Manoel de Mello atola seu governo nos lúgubres três anos que durou a devassa do desembargador Brandão em Goiás.

Por fim, a Prostação Geral, (ritmo sem tempo das capitânicas do interior, no dizer de Palacin): Os desenganos, a indiferença total com que eram recebidos seus planos de reforma e que acabavam por vencê-lo. Lembra-me, o vereador José Correia Seixas, considerando o que escrever sobre os Anais da Câmara em 1785: nada aconteceu, esperava-se notícias do aldeamento dos xavantes, que todavia não chegavam... Ou a melancolia de José de Almeida em 1775:

... "Conversando ontem com meus botões que são agora os que me fazem Corte, por estar esta Vila uma tapera"... (Palacin, op. cit).

Extirpados de um meio mais civilizado, muitos governadores não souberam adaptar-se às iniciais condições adversas da colônia. E sucumbiram. É o caso do Conde de Sarzedas, que inopinadamente viajando para Goiás, (no auge da estação das chuvas), morreu de febres pouco depois de chegar às minas.

Caso de um João Manoel de Mello que não resistindo às terríveis pressões políticas e sociais desencadeadas por seu governo, propunha ao Marquês de Pombal antes ir como soldado raso para a guerra da Colônia de Sacramento do que permanecer inerte em Goiás. Morreu de ataque apoplético ao saber do passamento, em Lisboa, de um dos perseguidos do seu tempo, registra a tradição.

Outro que adoeceu por força das cizânias locais foi o destemperado D. João Manoel de Menezes, a quem a Câmara quis prender e destituir do governo. "Acho-me bastantemente enfermo, dizia ele, afetando esse fato (a prisão), demasiadamente o meu sistema nervoso".

E mais adianta... "A minha saúde não precisava deste forte estímulo para desaparecer, e a minha existência dificilmente se conserva desde essa fatal época das minhas desgraças"... (Alencastre op. cit).

Eis que o Werther goiano de 1803 já é um romântico que não interessa, aplastado no sentimentalismo. Sofreu como o dia-

bo, o bom do João Manoel. Mais tarde, outro governador deprimido, Fernando Delgado Freire de Castilho, suicidou-se ao receber da amante plebéia o ultimato de casar-se ou perdê-la. Entre o super-ego e a libido, preferiu eliminar o ego. Saint-Hilaire conta essa história.

Os integrados e os camaleônicos

Nas antípodas desse fardo da colonização branca nos trópicos, há os fatos mais brilhantes da adaptação dos almofadinhos lisboetas à mesologia do sertão e à sócio-política adversa das colônias. Adaptação por partes, prudente, gradativa.

D. José de Almeida e muito mais tarde o brigadeiro Cunha Matos, estão entre os maiores andarilhos do interior do Brasil. Aprenderam a só viajar à noite, poupando-se do sol tropical abrasador. Sobreviveram bem, conquanto às escuras.

Já o primeiro governador de Mato Grosso, o estadista notável D. Antônio Rolim de Moura, soube como ninguém ir acostumando-se sem subterfúgios ao clima inóspito de Vila Bela da Santíssima Trindade: "As doenças não me fazem admiração, havendo feito uma jornada tão trabalhosa, como do Cuiabá até aqui, bebendo águas de charco e de cacimbas... fazendo sempre as marchas pelo rigor do sol, que neste clima é pernicioso"...

A precariedade de instalações nos primeiros tempos incomodavam... "o desconforto como aqui temos vivido, servindo-nos de ranchos de palha, que nem bem resguardam a chuva nem o calor do sol, e muito menos os ventos e as friagens"... e o assoalho de terra úmida. Escrevia com bom humor: "Eu como general do Mato, já não estranho viver à Sertanista".

Iludia-se porém... "ficava não só livre de moléstias, mas tão gordo que mal podia se por a cavalo". E arrematava: E, desde fevereiro de 53 não sei que coisa é estar doente e me parece ter acertado o modo de viver neste clima!!!... Auto ilusão cruel.

Na verdade, em 1757 teve duas sezões de maleita, mesma doença que em 1796 rendeu a alma a outro Governador de Mato Grosso, um insuportável João de Albuquerque. Rolim de Moura porém tratou-se com quina, a que louvou em cartas.

Entrementes construiu um palácio em Vila Bela, por ele fundada. Cercou-se de alguma Corte e conforto, parece ter encenado óperas, pode ter tido um serralho de brancas, índias e mulatas, e confortado, escrevia... "eu tenho passado melhor do que se podia esperar desta terra, ainda que até os climas se domesticam com as comunicações — o que creio haver sucedido a este, que posto que doen-

tio — é já muito diferente do que os seus antigos habitantes referem foi ao princípio". Carlos Moura, seu biógrafo, arremata judiciosamente: "Ele acreditava que o povoamento melhorava o clima". Em outros termos, algum conforto e civilização a ninguém mal fazia, sobretudo às margens do Guaporé...

E aí se não se cuidasse. Depois de 13 anos, deixando o governo para um sobrinho, o mesmo sobrinho escreve à corte: meu tio... vai surdo, com obstruções, vertigens e papadas e sobre todos estes achaques, sumamente pobre e empenhado de dívidas"...

Foi muito compensado porém: saiu do bom trabalho de Mato Grosso feito Conde de Azambuja, Marechal de Campo e governador da Bahia. (Carlos Moura, op. cit).

Um caso limite de adaptação foi o de Tristão da Cunha Menezes, que sucedeu ao seu irmão Fanfarrão Minésio, no governo de Goiás em 1783. Ficou duas décadas na capitania, mesmo depois de terminado seu governo de 16 anos. Teve diversas mulheres e filhos e possuía uma fazenda, aonde ilegalmente soldados pedestres faziam serviços, como denunciava Antônio Telles.

Parece que foi querido por uma parte do povo. Não é raro encontrar Tristãos entre os filhos de boas famílias da época.

Outros também foram lembrados com certo carinho: D. José de Almeida, que apesar do aristocratismo, empenhava-se em reconciliar inimizades na capitania e convidava para sessões palacianas. Outro mais

moderno, D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde de S. João da Palma, que deixou geração em Goiás e manteve-se ligado aos pagos, personagem do formidável romance de Bernardo Élis, "Chegou o Governador". Enfim há outro muito antigo, D. Luís de Mascarenhas, conde D'Alva, ex-padre, que na virada dos 1740 andou todas as minas, cortejou o Anhanguera ancião e teve uma vivenda na Serra Dourada, aonde quebrou uma perna, como a tudo informa o fofocário da "Notícia Geral da Capitania de Goiás".

Esse eu o faço simpático por conta própria. Escrevia bem, pacificou as minas por conta da diplomacia, roubou bastante, foi ser vice-rei da Índia, onde morreu, talvez por mão dos próprios soldados, ao tentar administrar insodáveis conflitos entre os poderes terrenos dos índus em conflito, como a tudo informam Taunay e o nobiliário de Zúquete.

E nem só governadores como também alguns ouvidores se fizeram lembrar, como o Dr. Gregório Dias da Silva, que nos priscos tempos da descoberta viajou para as minas sem escolta militar e tanto soube fazer-se bem-visto que diversos goianos, os Anhangueras à frente, o constituíram advogado em Lisboa. Um tal Vicente de Carvalho, falecido em Goiás em 1744, chegou a instituí-lo como herdeiro afetivo.

Os sátrapas sertanejos

Os governadores coloniais eram poderosos. Muito embora os estatutos pombalinos tentado elevar outros funcionários públicos (ouvidores e intendentos) ao similar pé de

igualdade de Ministros D'El Rey, toda essa veleidade desfez-se com a famosa Viradeira do Reinado de Maria, a louca. A quase totalidade dos conflitos políticos registrados em Goiás e no Brasil todo nesse período de fim de século, refere-se, com alguma intersecção notável, ao desmanche das instituições pombalinas contraposição à realpolitik da administração errática de D. Maria I. Enlouqueceu, aos berros de Ai-Jesus, na exata progressão em que lhe chegavam da França as listas dos guilhotinados na Place de L'Assemblée.

Em Goiás, em fins do século XVIII, D. José de Almeida era lembrado como o governador que construiu o enorme e retorcido chafariz da praça da Cadeia de Vila Boa. E que cometeu o fato suntuário de destruir uma estreita porém segura ponte de pedra (e construir outras mais de madeira), para que pudesse circular por Vila Boa a bordo de uma sege, , uma pequena carruagem puxada a cavalos, E no entanto os goianos amaram sua excentricidade "môdernizante". Primeiro — mundista, diríamos hoje. Eram ainda tempos do saudoso Pombal.

Trinta anos depois, sob as luzes da mais absoluta depressão econômica e social, colho duas expressivas informações sobre os dois governadores Cunha Menezes goianos, entre si parentes e inimigos D. João Manoel de Menezes, segundo o capitão-mor Telles, era "notoriamente frenético, tido por louco e de todo aleijado sem poder mover-se".

E do outro lado seu primo Tristão da Cunha Menezes, ex-governador, que andava de saias por Vila Boa, de Goiás, porquanto não podia usar sua calça justa de capitão-general, para não manchá-la com as secreções purulentas do pênis de sífilítico, permanentemente escorrendo secreções.

Devo essa informação a Bernardo Élis, que disse-me tê-la ouvido do famoso professor Ferreira, em seus tempos de estudante em Vila Boa, década de 1930.

Formidável como em 1803 foram defrontar-se esses dois representantes pessoais D'El Rey, o general sífilítico Tristão da Cunha, vestido de saias, e seu primo, D. João Manoel, aleijado nevrótico, sem mobilidade. São metáforas ideais de sua época.

O Paraíso no Guaporé

O mais especioso, o mais notável, o mais significativo porém que considero sobre o imaginário que os governadores coloniais faziam sobre si próprios é o que Carlos Moura andou coletando sobre eles em Mato Gros-



Trata-se, sobretudo, das pinturas murais, (hoje inexistentes), do Palácio dos Governadores de Mato Grosso, quando ainda em Vila Bela da Santíssima Trindade, capital estratégica do Oeste português enquanto consolidava-se o Tratado de Madri, depois, por inútil, mudada para Cuiabá.

Não se sabe quem pintou o Palácio dos Governadores em Vila Bela nem a data em que prontou-se.

Sua descrição devemos a um certo Severiano da Fonseca, que ali esteve em 1876 e 1877, quando o palácio já era quartel e os sinais da decadência espalhavam-se por todo o prédio. O quarto dos governadores virara cozinha e a sala de audiência, depósito.

Escreve Fonseca:

“Seus salões, primitivamente pintados a óleo, mostram ainda sobre as portadas, nos forros e lambrequins, frescos no estilo

de Watteau e Laneret, mais ou menos originais, ora alusivos ao País, ora aos governadores. Aqui é uma cachoeira que obstrui a navegação; os índios varam as canoas por terra... uma recordação dos saltos do Madeira. Ali, num teatro campesino pitorescamente decorado, representam o cenário coréas mitológicas onde as ninfas são formosas caboclas semi-vestidas, e cujas formas, por sua exuberância, parecem estudadas com alguma hipérbole...

... “Noutros frescos o artista copiou paisagens estranhas: são campos nevados, os gelos da Rússia ou Escandinávia, com seus pinheiros e álamos, os trenós, as renas e as louras friorentas embuçadas em arminhos e pelicas. Aqui são castelos impossíveis sobre alcantás impraticáveis ou de difícil acesso, ali granjas ou herdades do Minho ou de Alentejo, representadas com alguma naturalidade...

de...”.

... “mais adiante, na portada da antecâmara, uma dama trajada de grande vestido vermelho faz gestos de quem repreende veementemente um gordo e roliço capitão-general, que, de fardão, igualmente vermelho, é retratado à popa de um galeão onde flutuam as quinas heráldicas de Portugal — lá está cercado de seus oficiais de sala, no tamanho e compostura semelhantes a meninos num côro”. E complementa Fonseca:

... “E, compungido e a mão direita nos bofes da camisa, como que a comprimir o coração, finge o hipócrita que a alma se lhe despedaça, ele, mártir do dever da pátria — parte saudoso e triste”... Fonseca já era de geração lusófoba. Perdoemo-lhe as conotações desqualificadoras. Aliás, nem sei quem é melhor: se a descrição de Fonseca ou se as tais pinturas...

Entremos porém à câmara de

dormir do general. Sobre a entrada haviam pintado um díptico em francês:

“ C’este ici qu’en cherchant les douceurs du répos

Les folâtres plaisirs désarment le heros...”

Algo como:

Procurando aqui as doçuras do repouso

Desarma-se o herói em prazeres loucos...

O verso é de Voltaire, comemorando na “Henriade” o milésimo amor de Henry IV de França, o Vert — Galant, e que algum capitão-general de Mato Grosso achou próprio àquela beira de Guaporé, absoluto ôco do mundo!

Mais adiante um retrato a fresco, (sempre segundo o Fonseca) representa a imagem de um governador do tipo de Henry IV, com a barba pontuda num rosto perfeitamente oval, sentado na cama, “olhos maganos”, no dizer de Fonseca, ou

seja, maliciosos, atraindo a si alguma beldade dos cerrados.

Estas são, as hoje desaparecidas pinturas do Palácio de Vila Bela, as melhores auto-representações que conheço sobre como se via a elite governista iluminista nos sertões do Brasil.

Transcendem até mesmo às condições locais, para alçarem-se ao imaginário do sexo tropical, atingindo, neste outro fim de século, o culto das mulatas hiperbólicas e da pan-sexualidade brasileira.

Um modismo de direta extração iluminista. Salvo enganos, que sempre os há, na traiçoeira e volúvel matéria chamada história.

Ou lembra-se o leitor como concebia ao mundo e a si próprio, há dez anos atrás, nesta data?

* Paulo Bertran, é professor universitário e atualmente coordenador desta publicação.

Endereço para correspondência: SQN 316, Bloco “T”, Aptº 504 — Brasília-DF.